



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

DANIELA RODRIGUES DA COSTA

**PERFIL E PERCEPÇÕES DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA
ESCOLA ESTADUAL MONSENHOR EMILIANO DE CRISTO –
PROEMI SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

GUARABIRA-PB
2013

DANIELA RODRIGUES DA COSTA

**PERFIL E PERCEPÇÕES DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA
ESCOLA ESTADUAL MONSENHOR EMILIANO DE CRISTO –
PROEMI SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
Licenciatura Plena em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof.º Dr.º Juarez Nogueira Lins

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

C325p Costa, Daniela Rodrigues da

O perfil e a percepção dos alunos do ensino médio da Escola Estadual Monsenhor Emiliano de Cristo – Proemi sobre o ensino de língua portuguesa / Daniela Rodrigues da Costa. – Guarabira: UEPB, 2013.

22 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)
Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof.^o Dr.^o Juarez Nogueira Lins.

1. Língua Portuguesa - Ensino 2. Processo de Ensino-
Aprendizagem 3. Alunos – Ensino Médio. I. Título.

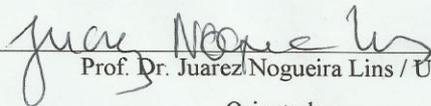
22.ed. CDD 410

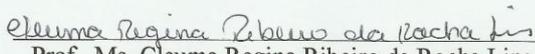
DANIELA RODRIGUES DA COSTA

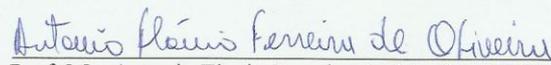
**PERFIL E PERCEPÇÕES DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA
ESTADUAL MONSENHOR EMILIANO DE CRISTO – PROEMI SOBRE O ENSINO
DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
Licenciatura Plena em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciada em Letras.

Aprovada em 29,08, 2013


Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins / UEPB
Orientador


Prof. Ms. Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins (FIP)
Examinadora


Prof. Ms. Antonio Flavio Ferreira de Oliveira (UEPB)
Examinador

PERFIL E PERCEPÇÕES DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL MONSENHOR EMILIANO DE CRISTO – PROEMI SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

COSTA, Daniela Rodrigues da*

RESUMO

Desde a década de 70 já se discutiam os problemas relativos ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa na escola pública. Os estudos atuais não apenas confirmam as discussões anteriores, mas ampliam essas dificuldades e, apontam propostas. Mas na prática, o que pensam aqueles que vivem a escola básica: alunos e professores das escolas públicas? Enquanto licencianda do Curso de Letras e bolsista do Subprojeto de Língua Portuguesa do PIBID/UEPB/CH resolvemos discutir a visão dos alunos. Questionamos-nos: quem são os alunos de Língua Portuguesa da Escola Polivalente? Como esses alunos veem o ensino de Língua Portuguesa na sua escola? Com o objetivo de discutir a temática, realizamos uma pesquisa de campo, que evidencia a importância da utilização de metodologias quantitativas e qualitativas, ou seja, o método quanti-quali para levantar dados sobre o perfil dos alunos e suas percepções sobre o ensino de Língua Portuguesa na E. E. E. M. Monsenhor Emiliano de Cristo – Guarabira-PB. Como suporte teórico nós utilizamos alguns pressupostos de ANTUNES (2003), GERALDI (2002), PCN's (1998) entre outros. Chegamos à conclusão que: os alunos da escola são alunos que se interessam pelo ensino de Língua Portuguesa, mas aquele ensino que realmente os faça interagir com o mundo.

Palavras-chave: Percepções. Alunos. Ensino. Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

As leituras realizadas no curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, principalmente as leituras sobre o ensino de Língua Portuguesa, nos fez entrar em contato com as dificuldades que enfrentam a escola pública, no que diz respeito ao ensino de língua materna. Estas dificuldades puderam também ser acompanhadas de perto através do Estágio Supervisionado de Letras e, pela participação nas escolas públicas, através do Subprojeto de Língua Portuguesa do PIBID/UEPB/CH, cuja área de atuação foi a Escola Estadual de Ensino Médio Monsenhor Emiliano de Cristo-PROEMI, em Guarabira-PB, com a duração de um ano (agosto 2012-2013). Esse contato mais amplo nos ocasionou a experiência de se conviver com os problemas e as possibilidades dessa escola.

* Licencianda em Letras e Bolsista PIBID/UEPB/CH. E-mail: danniflor@hotmail.com

Para se aprofundar nessa temática, resolvemos discutir o perfil dos alunos e suas visões/percepções sobre o ensino de Língua Portuguesa ministrado na escola. Após as leituras realizadas no projeto PIBID, sobre a temática (GERALDI, 2002; ANTUNES, 2003; PCN's, 1998) decidimos levantar dados sobre o perfil e as percepções de alunos e professores da instituição de ensino. Nesse momento, direcionamos a pesquisa aos alunos da escola. Eles (20) alunos responderam um questionário sobre o cotidiano do ensino de Língua Portuguesa com 35 questões, das quais escolhemos 12 para discutirmos.

Dividimos o artigo em três tópicos – o primeiro aborda o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa na escola básica. O segundo traz uma caracterização da Escola Monsenhor Emiliano de Cristo-PROEMI para situarmos o nosso campo de pesquisa e, o terceiro traz a apresentação e discussão dos dados da pesquisa. Apresentamos em seguida, as nossas breves considerações, envolvendo nossa percepção a partir, principalmente do PIBID e, apontamos algumas possibilidades.

1 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA BÁSICA

1.1 O QUE SE DIZ NA TEORIA

O ensino de Língua Portuguesa deve ser trabalhado de forma contextualizada, promovendo ao aluno subsídios para que ele possa se integrar a sociedade de maneira adequada. Para ANTUNES (2003), em termos muito gerais, as aulas de português seriam aulas de: falar, ouvir, ler e escrever textos em Língua Portuguesa. Essas ações realizadas na disciplina, no contexto do ensino médio, devem propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura, de escrita e de fala. A autora sugere então, que o ensino de Língua Portuguesa se pautem em quatro pilares: oralidade, escrita, leitura e gramática.

O trabalho com a oralidade deve ser voltado para a variedade de tipos e de gêneros de discursos orais, de modo que essa oralidade seja orientada para facilitar o convívio social, para proporcionar o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. O trabalho com a escrita deve ser voltado para atividades que fortaleçam a composição de textos que tenham, de fato, leitores, sendo, pois, adequados em sua forma de se apresentar. No que diz respeito às práticas de leitura em sala de aula, ela assevera que as atividades devem garantir

leituras diversificadas e motivadas, tendo como meta uma atividade crítica, que extrapole a mera decodificação de palavras e chegue à interpretação dos aspectos ideológicos do texto. Já o trabalho com a gramática, terá que prever, segundo ANTUNES, a pluralidade de normas linguísticas, pois “a gramática existe não em função de si mesma, mas em função do que as pessoas falam, ouvem, lêem e escrevem nas práticas sociais de uso da língua” (2003, p. 89).

Quando ANTUNES propõe que o ensino de Língua Portuguesa deveria seguir esses quatro eixos citados, ela também sugere aos professores que para desenvolver essas habilidades nos alunos, basta que eles insiram em sua metodologia o ato de contar histórias, seja inventando-as ou reproduzindo-as, estaria propiciando ao aluno o falar e o ouvir, e para desenvolver as demais competências, escrever e ler, o educador poderia providenciar oportunidades para o aluno produzir listas de matérias, convites, avisos etc; e na leitura poderia apresentar textos produzidos por eles próprios, por exemplo, histórias, com ou sem gravuras e em quadrinhos, contos, fábulas, poemas, crônicas, resumos etc.

As categorias propostas para ensinar a produzir textos permitem que, de diferentes maneiras, os alunos possam construir os padrões da escrita, apropriando-se das estruturas composicionais, do universo temático e estilístico dos autores que transcrevem, reproduzem, imitam. É por meio da escrita do outro que, durante as práticas de produção, cada aluno vai desenvolver seu estilo, suas preferências, tornando suas as palavras do outro (PCN's, 1998, p. 77).

Para produzir textos se faz necessário conhecer os mais variados tipos de textos que circulam em nossa sociedade, por exemplo, narrativo, dissertativo, injuntivo etc. É necessário escrever e (re) escrever, criar novos textos a partir de um texto lido. Na aula de Língua Portuguesa o professor deve incentivar o aluno a selecionar, antes de tudo, o gênero de seu *texto*, um editorial, um ofício, uma carta, um poema entre outros. Em seguida, iniciar uma produção regular de gêneros. Desta forma, de acordo com os PCN's (1998) a escola pode formar escritores competentes.

1.2 O QUE SE FAZ NA ESCOLA

Em desencontro com os postulados de ANTUNES (2003) e PCN's (1998), o que se percebe nas salas de aula de Língua Portuguesa, em muitas instituições escolares, sobretudo de classes econômicas desfavorecidas é um enorme distanciamento entre a linguagem culta e

a linguagem coloquial, em termos de cobrança, por parte dos professores. Em relação a isso, apesar de hoje existirem numerosas investigações que apontam para a diversidade linguística como algo natural e inerente às línguas e para um tratamento adequado das variantes linguísticas em sala de aula, o que pode ser constatado é que ainda existem inúmeras crenças negativas (a norma culta é a correta, as outras são incorretas; a primeira leva ao sucesso, a segunda ao insucesso...) que ainda se perpetuam e se revelam como barreiras difíceis de transpor, no processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. Além dessa visão sobre “as línguas” há ainda outras práticas, pouco adequadas para a realidade de hoje. Em virtude da valorização da língua culta, o ensino centrado na gramática, cópias de textos para reprodução, o livro didático utilizado como um fim e não como um meio, textos que não são condizentes com a realidade do aluno entre outros aspectos, literatura como pretexto (GERALDI, 2002). São atividades incapazes de suscitar nos alunos a compreensão das múltiplas funções da linguagem na sociedade. O que se vê na escola não coincide com o que se precisa ver fora dela, no dizer de ANTUNES (2003).

Na Escola Monsenhor Emiliano de Cristo- PROEMI, ainda nos chamou à atenção a valorização excessiva do livro didático e a falta de planejamento das aulas. O livro didático é uma ferramenta a disposição do professor. Por essa razão, não deve ser o único recurso didático do professor na sala de aula. A dependência do livro didático torna o planejamento das aulas uma atividade esquecida. “Basta seguir o livro” dizem alguns. O professor, muitas vezes esquece-se do seu potencial e acaba se tornando dependente do referido material. Desse modo, não cria, não inventa, apenas reproduz, sem criticidade os conteúdos do livro. De acordo com GERALDI (1995), essa tecnologia (o livro didático) mudou as condições de trabalho do professor, diminuiu a responsabilidade do docente. Ele não prepara mais a aula, pois o material já preparado, inclusive com respostas no manual do professor.

Observamos durante a execução do Subprojeto de Língua Portuguesa PIBID/UEPB/CH que algumas vezes o professor não preparava o seu plano de aula, e ficava folheando o livro didático para ver se encontrava algo que pudesse ser aplicado na sala. O conteúdo a ser aplicado na aula muitas das vezes era de leitura e interpretação de texto. Aplicando assim, um ensino descontextualizado e fragmentado, um tratamento superficial dos conteúdos; enfim, um ensino tradicional, sem muita articulação com a realidade fora da sala de aula.

Como bolsistas do PIBID, pudemos nos inserir na escola e tentar modificar algumas práticas de ensino: realizamos um trabalho condizente com a realidade dos alunos,

procuramos dinamizar as aulas, usando recursos tecnológicos, executamos projetos didáticos, sequências didáticas. Levamos atividades em que o aluno pudesse explorar a oralidade, a gramática, a leitura e produção de textos. Em dias alternados, levamos os alunos para assistirem aulas na sala de multimídia – lá fazíamos o uso dos slides, utilizando como recurso didático o *data show*, vídeos entre outros. Tentamos articular ao ensino de Língua Portuguesa, outras artes: a música, o desenho e o teatro, conforme podemos observar nas fotos abaixo (01 e 02).



Fotos 01 e 02 – Produções dos alunos do PROEMI

2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO MONSENHOR EMILIANO DE CRISTO – PROEM

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Emiliano de Cristo – PROEMI está situada na cidade de Guarabira-PB, agreste paraibano, no Bairro do Nordeste I. O quadro de gestores da instituição de ensino é formado pela gestora Lúcia Ângela dos Anjos Marreiro e as adjuntas: Vandilma Carlos da Silva e Maria José da Silva Santos.



Foto 01 – Frente da EEEFM Monsenhor Emiliano de Cristo-PROEMI



Foto 02 – Gestora da escola

A escola atende em sua maioria alunos residentes no mesmo bairro, bem como de outros circunvizinhos: Nordeste II, Esplanada, São José e também da zona rural do município de Guarabira-PB.



Foto 03 – Alunos assistindo aula na Biblioteca.

Apresenta uma estrutura física ampla e bem dividida. Oferece vários cômodos para formação de apoio a professores e alunos, como por exemplo: biblioteca, miniauditório, refeitório, sala de multimídias, sala dos professores, laboratórios de informática, laboratórios de línguas e salas para elaboração de planejamentos didáticos pedagógicos e acompanhamento aos alunos.

A Escola Emiliano de Cristo funciona nos três turnos com uma variedade de projetos e de programas. No turno manhã e tarde com o PROEMI (Programa Ensino Médio Inovador), este, inclusive, tem sua carga horária integral atendendo duzentos e quarenta e cinco educandos. Os professores são efetivos e atuam em área específica desenvolvendo além de atividades regulares em sala de aula, um trabalho diferenciado com oficinas de macrocampo como designa a demanda do mesmo. Dentre elas podemos citar: Leitura e Letramento; Participação Estudantil; Iniciação à Pesquisa Científica; Cultura Corporal; Comunicação e uso de Mídias. Neste programa do Ensino Médio Inovador há um acompanhamento pedagógico intensificado com uma professora articuladora de Projetos além de supervisoras pedagógicas para dar suporte ao acompanhamento a aluno e professor. Os alunos do Ensino Médio Inovador além de participarem dos projetos oferecidos pelo programa, ainda são envolvidos nos diversos momentos de festividades pedagógicas e culturais, dentre elas o PROJETO LITERATURA VIVA, que tem como coordenadora a professora Malfrejane Toscano. Este projeto tem como lema: *“viver a literatura é tornar-se protagonista da história”*. Como podemos ver na imagem abaixo:



Foto 04 - Apresentação da peça sobre a Guerra de Canudos embasado na obra de Os Sertões de Euclides da Cunha.

Conta ainda com a atuação do PIBID – Projeto de Iniciação à Docência da CAPES/UEPB desde agosto/2012. Na área de Língua Portuguesa, conta com cinco bolsistas e uma supervisora que, com a Supervisão do Professor Juarez Nogueira Lins (UEPB), amplia a relação entre a Universidade Estadual da Paraíba e a Escola Básica. O Subprojeto de Língua Portuguesa tem contribuído para uma prática significativa no que diz respeito às leituras

diversificadas, produções textuais e a oralidade. Abaixo, fotos 05, 06 e 07, uma visão sobre a atuação do PIBD nessa escola.



Foto 05



Foto 06

Nas imagens, os alunos exercitam a leitura e a oralidade, a partir de suas próprias produções. O gênero poético (poemas) e gêneros dissertativos foram produzidos pelos alunos através da discussão/reflexão sobre vídeos, outros textos poéticos e dissertativos.



Foto 07

O corpo discente da escola é formado por oitocentos e quarenta e dois alunos matriculados. A maioria é de baixa renda, muitos deles e suas famílias são beneficiados pelo

Programa Bolsa Família do Governo Federal. Os alunos matriculados no turno manhã são inseridos no PROEMI (Projeto do Ensino Médio Inovador), que funciona integralmente, realizando um trabalho diferenciado com oficinas de macrocampo. O Programa Ensino Médio Inovador tem como objetivo a melhoria da qualidade do ensino médio nas escolas públicas estaduais, promovendo, ainda, os seguintes impactos e transformações:

- ✓ Superação das desigualdades de oportunidades educacionais;
- ✓ Universalização do acesso e permanência dos adolescentes de 15 a 17 anos no ensino médio;
- ✓ Consolidação da identidade desta etapa educacional, considerando a diversidade de sujeitos;
- ✓ Oferta de aprendizagem significativa para jovens e adultos, reconhecimento e priorização da interlocução com as culturas juvenis.

No turno da noite, a escola funciona com o Ensino Médio Regular e a EJA com aproximadamente duzentos alunos, sendo estes acompanhados pelo coordenador pedagógico Genes Duarte; ainda neste turno a escola contempla o PROJovem URBANO com noventa alunos, oito professores e supervisor pedagógico.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS: OS ALUNOS (AS) E SUAS PERCEPÇÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA

3.1 METODOLOGIA E INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Quanto ao levantamento de dados, para a análise a seguir, escolhemos a orientação pelo viés da pesquisa quantitativa e qualitativa, ou seja, o método quanti-quali. O método quantitativo de pesquisa tem no questionário uma de suas grandes ferramentas. É pelos resultados obtidos nessa técnica de coleta de dados que são feitas as induções, que hora confirmam as suposições inicialmente levantadas pelo pesquisador, e hora as refutam.

Seguindo ensinamentos de Richardson (1989), este método caracteriza-se pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento dessas através de técnicas estatísticas, desde as mais simples até as mais complexas. Para Neves (1996, p. 1) a pesquisa qualitativa é: “[...] um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema

complexo de significados. Tendo por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social [...]”.

Então, para conseguir dados para a nossa pesquisa foram realizadas, entrevistas seguindo a orientação de um roteiro com perguntas organizadas de tal maneira a nos levar à compreensão dos múltiplos sentidos que os alunos dão à prática pedagógica da escola, relacionada com o ensino de Língua Portuguesa. Expondo individualmente suas opiniões de forma aberta, relatando experiências a cerca da disciplina.

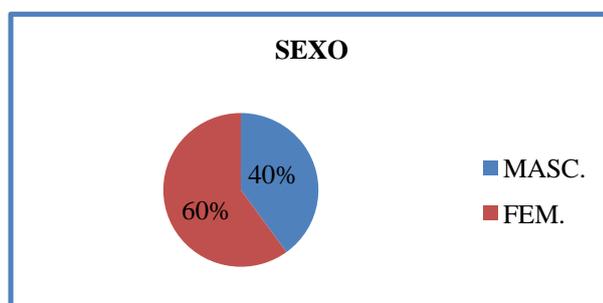
Foram aplicados questionários (com questões abertas e fechadas) aos alunos do nível médio que abordaram informações socioculturais e questões relativas ao ensino de Língua Portuguesa. Entrevistamos dez alunos que se dispuseram a responder um roteiro norteador com a ajuda dos bolsistas PIBID. Os questionários foram aplicados na escola e entregues no mesmo dia. Os dados levantados foram tratados estatisticamente em planilha Excel e apresentados em forma de gráficos.

3.2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Apresentamos em seguida alguns pontos (recorte) da nossa pesquisa sobre o ensino de Língua Portuguesa, realizado durante a execução do Subprojeto PIBID/UEPB/CH na Escola Monsenhor Emiliano de Cristo-PROEMI no segundo semestre de 2012.

3.2.1 Um breve perfil dos alunos (as) e suas percepções sobre o ensino de Língua Portuguesa

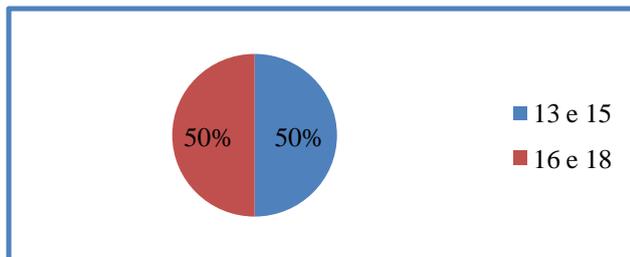
G – 01 Sexo



O número de meninas que frequentam o ensino básico é bem maior em relação aos meninos. No turno manhã, horário em que foi realizada a entrevista, geralmente a maioria é do sexo feminino, geralmente, elas não trabalham fora, ajudam nas tarefas domésticas, e

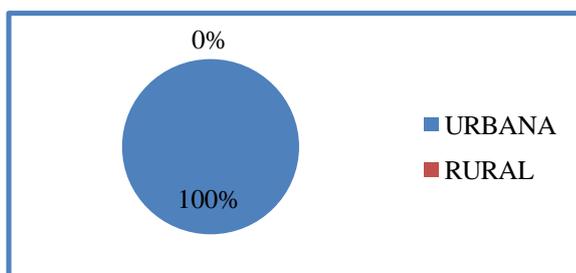
podem estudar no turno matinal. Os homens são em maior número no turno da noite, pois grande parte deles trabalha durante o dia. Eles vão para o mercado de trabalho mais cedo, deles é cobrado, ainda, a contribuição na renda familiar.

G – 02 Idade



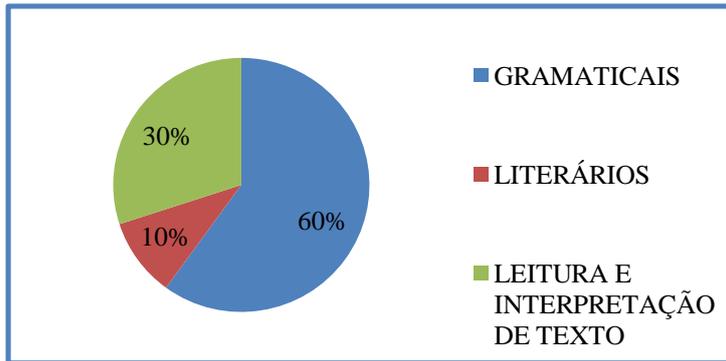
O gráfico apresenta o mesmo percentual 50% entre a faixa de idades, ambos os dados apontam uma relativa igualdade no que diz respeito à faixa etária dos alunos. Percebemos que estes alunos (as) adentraram na escola praticamente com a mesma idade. Com isso, nas salas de aula há uma homogeneidade no que diz respeito à idade, o que pode facilitar o trabalho do professor, que trabalha com uma mesma faixa etária.

G – 03 Origem



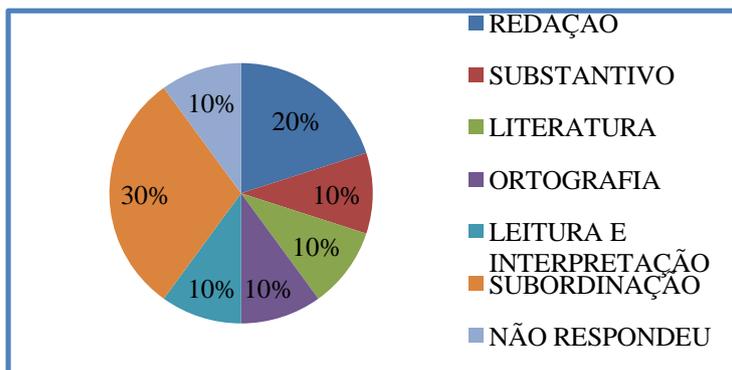
Os alunos, na sua maioria, são da Zona Urbana da cidade. Têm fácil acesso a escola. Nesse quesito, a escola não apresenta muitas dificuldades em relação à assiduidade dos alunos. Não será por questões de transporte que eles faltarão às aulas. A proximidade da escola pressupõe uma maior interação entre os pais, que podem acompanhar mais de perto os seus filhos (alunos da escola).

G – 04 Nas aulas de Língua Portuguesa que conteúdos você menos gosta?



Para a maioria dos alunos 60%, os conteúdos gramaticais são mais enfadonhos na escola, talvez, pela insistência de alguns professores em ensinar nomenclaturas, descontextualizadas do cotidiano do aluno. Outro elemento importante, que merece destaque é o fato de que 30% dos alunos não gostam das aulas de leitura. Essa é importante para se compreender o mundo através dos textos escritos. Talvez os alunos pratiquem “uma atividade de leitura centrada nas habilidades mecânicas de decodificação da escrita, sem dirigir, contudo, a aquisição de tais habilidades para a dimensão verbal.” (ANTUNES, 2003). Ou seja, decodificam, mas grande parte não consegue atribuir sentidos ao texto lido.

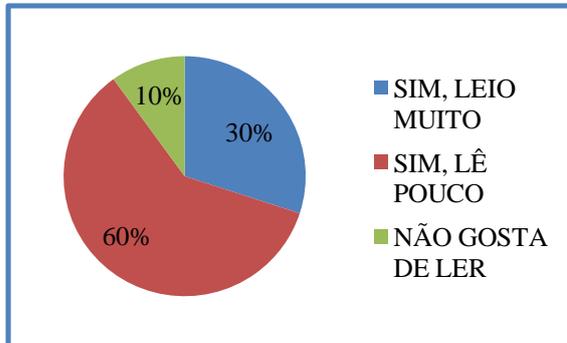
G – 05 Que conteúdos da disciplina Língua Portuguesa você considera mais importante aprender?



O conteúdo mais importante para eles são as orações subordinadas, importantes para a concatenação das ideias, na fala e na escrita. Um conteúdo gramatical, que segundo esses mesmos alunos, é uma das partes do ensino de Língua Portuguesa que mais atraem. Acreditamos que, em sala de aula, algum professor tenha se referido a esse conteúdo como muito importante. Quase na mesma proporção 20% veem a leitura como um instrumento importante na escola e na sociedade, muito embora tenham afirmado, anteriormente, que não gostavam das aulas de leitura. É contraditório não gostar de algo, mas afirmar que esse algo é

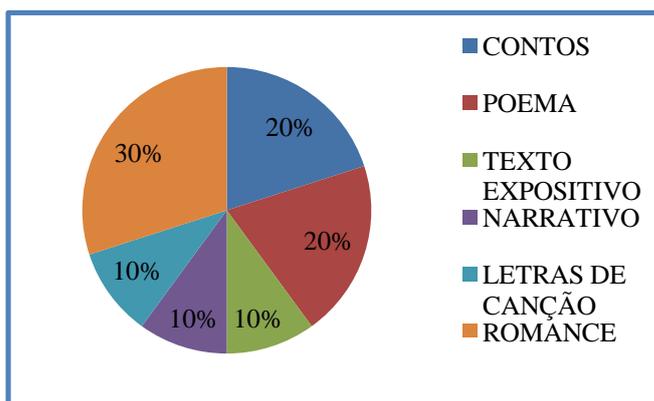
importante. Acreditamos que com estratégias didáticas mais dinâmicas se possa reverter esse quadro. Os demais se revezaram em igualdade de importância.

G – 06 Você gosta de ler?



A maioria dos 60% afirma gostar de ler, mas lê pouco. Os outros 30% afirmaram ler e ler muito. Através de conversas informais sabemos que essas leituras remetem aos livros didáticos, revistas, gibis entre outros. O fato de se interessar pela leitura (um fato positivo), no entanto contrasta com as leituras realizadas na sala de aula: alguns alunos apresentam dificuldades de ler e, principalmente, de interpretar, extrair sentidos das leituras realizadas. Talvez essa dificuldade se deva aquilo que GERALDI (2011) chama de leitura enquanto pretexto. Pretexto para buscar elementos gramaticais e menos de fruição.

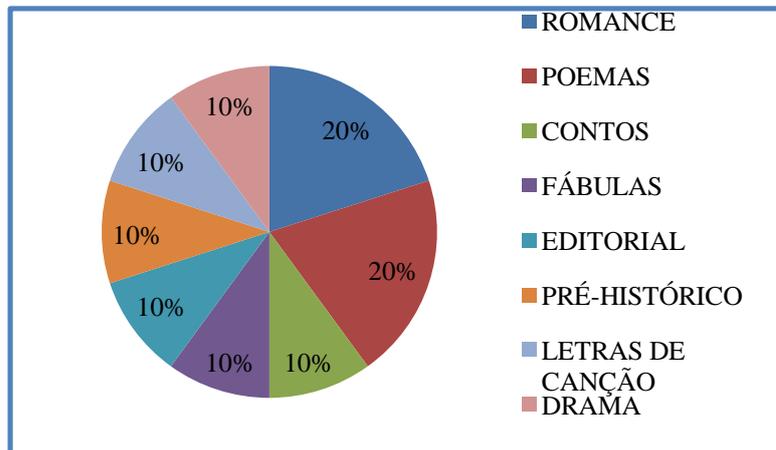
G – 07 Que tipo de texto (s) é (são) lido (s) na aula de Língua Portuguesa?



Dentre as leituras mais realizadas, foram citadas, respectivamente, romance (os clássicos, presentes no livro didático e nas indicações de leituras literárias pelo professor), poemas e contos. Em comum, estes gêneros são literários e estão presentes com maior intensidade no principal recurso didático utilizado por muitos professores: o livro didático. De

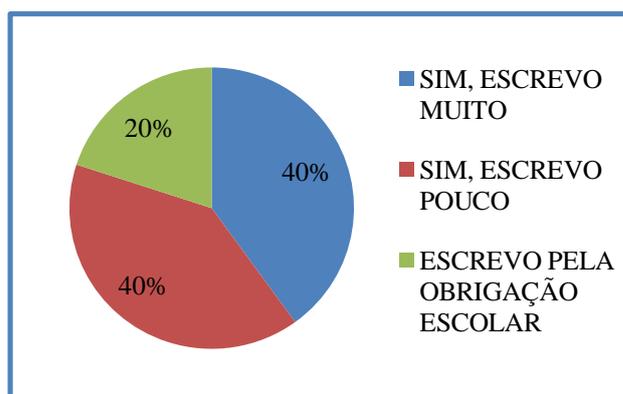
certa forma, esses gêneros acabam sendo valorizados pelos professores, em detrimento de outros gêneros.

G – 08 Que tipo de texto/gênero textual (is) você gostaria que fosse (m) lido (s) na aula de Língua Portuguesa?



Os gêneros que os alunos mais gostariam de ver nas aulas de Língua Portuguesa são justamente aqueles que mais são lidos na escola: os literários. Enquanto os PCN's (1998) afirmarem que a diversidade de textos é importante para a formação de leitores/escritores, o texto literário ainda é privilegiado em algumas aulas. Eles são importantes, mas não são os únicos no livro didático e no cotidiano.

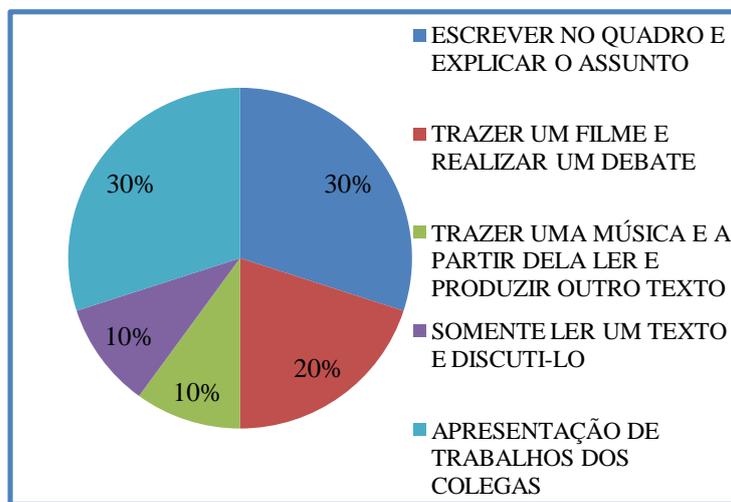
G – 09 Gosta de escrever?



80% dos alunos admitiram gostar de escrever. Sendo que, 40% dos alunos escrevem muito e, 40% escrevem pouco. E 20% dos alunos escrevem na aula de Língua Portuguesa por obrigação. A princípio, estranhamos todo esse número de alunos afirmarem gostar de ler. Conversando informalmente, percebemos que o ato de escrever, se resume na verdade, a

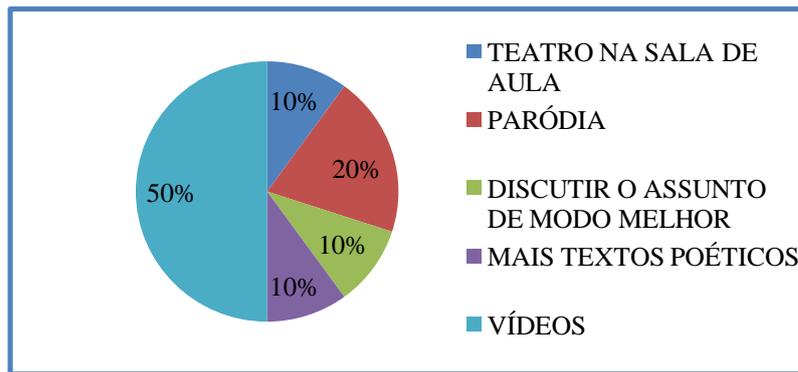
reprodução daquilo que o professor escreve no quadro. Ou seja, não é produção, e sim, reprodução de textos. Acreditamos que os alunos que não gostam de escrever sejam em maior número do que o apresentado pela pesquisa, os 20%. O fato de escreverem por obrigação é um dos motivos que levam a dificuldade de escrever. Segundo GERALDI (2011) a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: o aluno escreve para o professor, é uma escrita artificial.

G – 10 Que estratégia (s) de aulas utilizada (s) pelos professores de Língua Portuguesa você mais gosta?



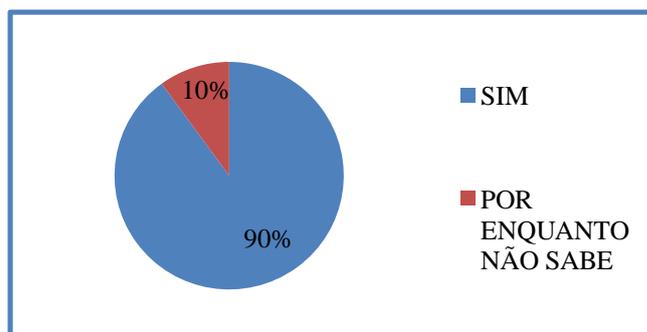
Os dados apontam para uma metodologia de ensino antiga (30%), mas que ainda é praticada na sala de aula: cópia no quadro, cópia no caderno – um exercício de reprodução. Aos alunos se acostumaram a essa prática, tanto que ainda a veem como sinônimo de aula. Outra prática comum (e salutar, se planejado), para 30% é a apresentação de “trabalhos” por parte dos alunos. Para 20% a tentativa de introduzir outros recursos na sala de aula é vista como interessante. Nos dias atuais, o professor deveria levar para a sala de aula, mais recursos tecnológicos, para tentar dinamizar as aulas e, aproximar os alunos da realidade fora da escola.

G – 11 Que sugestões você daria? Descreva-a (s).



Para 50% dos entrevistados os vídeos na sala de aula seria uma das sugestões para dinamizar a aula. Para 20%, parodiar outros textos seria outra possibilidade. O primeiro dado nos leva a inferir que os alunos se ressentem dos recursos tecnológicos em sala de aula, além daquele que eles próprios levam para a aula: o celular e seus diversificados recursos. Quanto as paródias, é uma forma irreverente de se produzir novos textos e praticar a oralidade, geralmente esquecida na sala de aula.

G – 12 Fará o vestibular? Que profissão lhe atrai?



90% dos jovens responderam que pretendem fazer vestibular e 10% ainda não sabe. Dentre as profissões mais citadas está Educação Física e Biologia, Letras e Enfermagem. Alguns pretendem cursar Direito e Engenharia. Esses dados atestam a realidade de grande parte dos alunos das escolas públicas em Guarabira-PB: os alunos dessas escolas optam por cursos existentes na região e aqueles em que a concorrência é mais baixa. Talvez não gostem, ou não acreditem que possam cursar outras profissões.

CONSIDERAÇÕES

O Ensino de Língua Portuguesa, no dia a dia, como foi experienciado por nós, bolsistas do PIBID, nas escolas básicas de Guarabira-PB, se aproxima e se distancia daquilo que

discutimos teoricamente nas aulas, na universidade e nas discussões do PIBID. Aproxima, porque a teoria lida descreve a situação do ensino de Língua Portuguesa na escola pública. E se distancia, porque há um afastamento: a teoria sai do laboratório da escola, porém o retorno ainda não se dá de forma efetiva. Mas as escolas caminham, com muitos problemas, algumas tentativas de melhorias e muitas possibilidades: de ensino e de intervenção (pesquisa e aplicação de propostas didáticas). E, enquanto isso, comunidade, gestores, professores e alunos constroem suas percepções sobre o ensino de Língua Portuguesa.

Na escola Monsenhor Emiliano de Cristo nós percebemos que os alunos, em sua maioria, habitam seu entorno. Estão na faixa etária indicada para as séries e, as mulheres dominam o cenário da sala de aula nos turnos matinal e vespertino. No turno da noite, se concentram um maior número de homens, pois estes, geralmente trabalham durante o dia. Enfim, são alunos oriundos de família de baixa renda e eles buscam na escola uma possibilidade de uma vida melhor, mesmo sem muita convicção disso. Estão na escola e almejam cursar uma universidade, dando continuidade aos estudos. Um perfil que se repete em muitas escolas públicas situada na periferia das cidades.

Na escola veem a aula de Língua Portuguesa como mais uma disciplina a ser cursada para receber os seus certificados. Aceitam-na com certa passividade, sem realmente compreenderem a sua importância enquanto instrumento de interação social. Afirmam gostar de ler e escrever, habilidades necessárias no mundo letrado, mas no dia a dia demonstram dificuldades no trato com a leitura e a escrita. Estas duas habilidades são muitas vezes desvalorizadas por estratégias didáticas ineficientes ou por valorização de outros conteúdos: os gramaticais, por exemplo. Os alunos ainda não conseguem diferenciar o ensino tradicional do ensino de Língua Portuguesa em uma perspectiva textual. Na perspectiva, por exemplo, dos PCN's. Enquanto isso, ainda está presente na aula de Língua Portuguesa o ensino da nomenclatura, a valorização de determinados gêneros textuais, da leitura enquanto decodificação, a produção de textos descontextualizada e estratégias didáticas que não valorizam o ensino-aprendizagem. Felizmente, na escola, há professores comprometidos com o ensino mais adaptável aos dias atuais e, através dos inúmeros projetos existentes na escola, tentam mudar o quadro de desânimo em que se encontra o ensino de Língua Portuguesa na escola pública. Nós também tentamos através do Subprojeto de Língua Portuguesa e, esperamos que a nossa passagem pela escola tenha contribuído para incentivar professores e alunos a buscar novos rumos para o ensino-aprendizagem da nossa língua pátria.

ABSTRACT

Since the 70 already discussed the problems related to the teaching-learning Portuguese in public school. Current studies not only confirm the previous discussions, but extend these difficulties and suggest proposals. But in practice, what think those who live elementary school: students and teachers in public schools? While licencianda Course Letters and Fellow Subproject Portuguese Language PIBID / UEPB / CH decided to discuss the vision of the students. We question ourselves: who are the students of Portuguese Language School Multipurpose? As these students see the teaching of the Portuguese language in your school? With the aim of discussing the topic, we conducted a field survey, which highlights the importance of using quantitative and qualitative methodologies, ie quantitative and qualitative method to collect data on the profile of students and their perceptions about teaching language Portuguese in E. E. E. M. Monsignor Emiliano Christ - Guarabira-PB. Theoretical support we use some assumptions ANTUNES (2003), GERALDI (2002), NCP's (1998) among others. We concluded that: school students are students who are interested in teaching Portuguese, but that teaching that actually do interact with the world.

Keywords: Perceptions. Students. Education. Portuguese.

REFERÊNCIAS

ABNT. Institucional. Disponível em: <<http://www.abnt.org.br>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. **PCN's do Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 1998.

GERALDI, João Wanderley (org.). **O Texto na Sala de Aula**. São Paulo: Ática, 2002/2011.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KATO, M. **Aprendizado da Leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório**. São Paulo: Atlas, 1992.

MARTINELLI, Maria L. **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999.

MARTINS, Gilberto de Andrade & LINTZ, Alexandre. **Guia para elaboração de monografia e trabalhos de conclusão de curso**. São Paulo: Atlas, 2000.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa – características, uso e possibilidades**. Cadernos de pesquisa em administração, São Paulo. V. 1, nº 3, 2ºsem. 1996.

NICOLA, José De. **Português: ensino médio**. São Paulo: Scipione, 2009. v. 2.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.